

FAIL SAFE / 1964

(*Missão Suicida*)

um filme de Sidney Lumet

Realização: Sidney Lumet / **Assistente de Realização:** Harry Falk, Jnr / **Argumento:** Walter Bernstein, baseado na novela de Eugene Burdick e Harvey Wheeler / **Fotografia:** Gerald Hirschfeld / **Montagem:** Ralph Rosenblum / **Direcção Artística:** Albert Brenner / **Cenários:** J. C. Delaney / **Efeitos especiais:** Storyboard, Inc. / **Som:** Jaclc Fitzstephens, William Swift / **Interpretação:** Henry Fonda (O Presidente), Dan O'Herlihy (General Black), Walter Matthau (Groeteschele), Frank Overton (General Bogan), Edward Binns (Coronel Grady), Fritz Weaver (Coronel Cascio), Larry Hagman (Buck), William Ilansen (Secretário Swenson), Russell Hardie (General Stark), Russell Collins (Knapp), Sorrell Booke (Congressista Raskob), Nancy Berg (Ilsa Wolfe), Hildy Parks (Betty Black), Janet Ward (Mrs. Grady), Dom DeLouise (Sargento Collins), Stuart Germain (Mr. Cascio), Louise Larabee (Mrs. Cascio).

Produção: A Max E. Youngstein - Sidney Lumet Production / **Produtor:** Max E. Youngstein / **Produtor Associado:** Charles H. Maguire / **Cópia:** dcp, preto e branco, legendado eletronicamente em português, 112 minutos / **Estreia em Portugal:** Cinema Estúdio, em 24 de Junho de 1965.

Fail Safe é apresentado em "double bill" com **WarGames**, de John Badham ("folha" distribuída em separado).

Entre a projeção dos dois filmes há um intervalo de 30 minutos.

Tom Milne, num artigo publicado no *Sight & Sound*, em 1965, estabelecia um paralelo entre **Une Femme Mariée** de Godard e **II Deserto Rosso** de Antonioni, onde, de repente, muito de repente, surgia uma referência a **Fail Safe**. Estranho, muito estranho, dirão, inquietos, os admiradores de Sidney Lumet. Mas não é. Milne apenas queria dar o exemplo de um filme que só conta metade da "história". Isto é, de acordo com uma das legendas do genérico final, os acontecimentos narrados por Lumet, em circunstância alguma poderão vir a ter lugar: um erro de computador manda seis bombardeiros americanos lançar um ataque nuclear a Moscovo. Sabe-se que um acidente semelhante não acontecerá. Assim mesmo, garantido pelos peritos. Esse saber (metade da história que **Fail Safe** não conta) não impede que vejamos e receemos que aquilo aconteça (e aqui está a "metade" de que trata o filme de Lumet). Como é que alguém poderá expressar este "saber" e este "ver", contraditória e complementarmente, no écran, eis a interrogação a que Tom Milne se propunha responder, maxime com o exemplo do filme de Godard em análise, mas que, como é evidente, não vem ao caso referir aqui.

Sem querer decepcionar quem esteja à espera de grandes cometimentos da parte deste **Fail Safe**, devo ainda assim assinalar que para contar metade de uma história que Kubrick contara já em **Dr. Strangelove**, Sidney Lumet não arriscou grande coisa e inventou ainda menos. Em estilo televisivo limitou-se, afinal, a transpor o material de Kubrick da área da comédia negra para o *thriller* político-militar. Lumet igual a Kubrick menos o burlesco? E então, será mais sério? Enquanto Stanley Kubrick atacava o tema através das convenções da farsa, Lumet, servindo-se do realismo pseudo-documentarista, junta ingredientes próprios do "best-seller": o "suspense" (chegara o "Victorian" a bombardear Moscovo?), a humanidade dos personagens (sonho do General Black; quebra nervosa do Coronel Cascio), os *war games* (aquela sala de controle antecipa a do filme de John Badham).

Independentemente da questão do plágio (e Kubrick numa conferência de imprensa, em Londres, chegou a afirmar que ia meter Lumet em tribunal, o que, de resto, nunca chegou a fazer), a verdade é que, enquanto **Dr. Strangelove** criava um clima amargo e inquietante, **Fail Safe**, passe o "realismo", acaba por tornar desejável o conflito nuclear.

E se falamos de jogos de guerra, o deste filme acaba 1 a 1, como no futebol. Lumet nunca escondeu, aliás, as suas intenções e as do seu produtor, Max Youngstein: "*Escolhemos **Fail Safe** porque sentimos ser o género de peça anti-guerra com enorme valor e também porque sendo um tremendo 'best-seller' poderia fazer muito dinheiro. A companhia precisava desse pontapé de saída.*"

A companhia era a Max Youngstein & Sidney Lumet Productions, formada à margem dos grandes estúdios e o "pontapé de saída" não foi tão famoso como isso, uma vez que o filme foi "congelado" por dois anos, à conta da mencionada querela com Kubrick.

Bom, já chega de **Dr. Strangelove**, já chega de Kubrick, já chega de tribunais, assunto que por si só bem poderia dar um ciclo. É altura de tirar o fantasma de Peter Sellers e de Sterling Hayden de cima ou de baixo dos méritos e deméritos de **Fail Safe**. Porque, é bom não esquecer, este é um filme em que Henry Fonda "arranca" uma soberba interpretação num papel que sempre desejou. De certo modo, pode até dizer-se que **Fail Safe** se divide em duas partes distintas: antes e depois de Fonda.

Falei atrás do estilo televisivo de Lumet e estava então a fazer uma constatação de facto mais do que um juízo de valor. No entanto, essa é mesmo uma das pechas do filme. A preocupação de tudo explicar, dando, por exemplo, total justificação psicológica ao General Black, ao cientista (Matthau é uma pálida amostra do "mecânico" Strangelove, passe embora a comum costela germânica), ou ao psicótico Coronel Cascio, acaba por criar sequências cuja unidade em si mesma não se discutirá, mas que são irrelevantes para o tom global de **Fail Safe** e lhe prejudicam a economia narrativa. Concretizo: para quê o confuso pré-genérico com o sonho da tourada, quando a personalidade de Black irá ser, na sala dos conselheiros, bem definida pelo diálogo com o cientista? Que pode fazer a sequência de Walter Matthau com a rapariga, senão satisfazer apetites mais ou menos "voyeurísticos"? Para quê a tão primária psicologia da sequência de Cascio (Fritz Weaver) com os pais, moral e psiquicamente decadentes. Verdade seja dita, as acções posteriores dos três personagens dispensavam a "ilustração" que nas referidas sequências se subentende. Uma única desculpa: a rapariga é convincente na sua perversão e o clima hiper-real da casa de Weaver é conseguido. Mas que qualquer cineasta clássico teria passado por cima do cadáver deles também não é menos verdade.

Uma vez estabelecida a questão essencial, e já sublinhei quanto baste a excessiva demora de Lumet para lá chegar, uma vez oferecido o écran a Henry Fonda, **Fail Safe** sobe em flecha. Não só Lumet aguenta bem a tensão dramática, repartindo a acção por três décors distintos, mesmo se as salas de operações e dos conselheiros lembram **Dr. Strangelove** em pior, como Henry Fonda, sem outro *partenaire* senão um jovem diplomata e um telefone, nos magnetiza, convencendo ao mesmo tempo os Russos da sua boa fé. É o triunfo de um estilo de representação inteiramente interiorizada, em que o 'natural' não tem nada a fazer, nem o seu contrário, mas em que a simplicidade prudente convenceria fosse que 'adversário' fosse". Citei um artigo do *Positif* (não tenho à mão o número e o autor, os preciosistas que me desculpem) e estou quase completamente de acordo, salvo quanto à ideia da "*representação interiorizada*" que faz logo pensar em Dean, Newman ou Montgomery, quando a representação de Fonda neste filme é expressiva e *exterior*, muito marcada pelo rosto, pela intensa movimentação do olhar, tão física que a ideia de psicologia, associada à "representação interiorizada", deixa neste caso de ter cabimento. Já agora, o jovem diplomata, tradutor do Presidente, é nem mais nem menos do que Larry Hagman, celebrado mais tarde devido ao seu papel em "Dallas". Celebrado com alguma justiça, diga-se, já que metia no bolso aquela gente toda. Era o J.R., de quem todos os que têm a minha idade bem se lembram?

Feitas as honras a Henry Fonda - que se representa a si mesmo, à imagem universal de Presidente, ecoando também a imagem de John Kennedy - dada a devida chapelada à habilidade de Sidney Lumet cabalmente demonstrada na segunda parte do filme, seria no mínimo injusto esquecer uma das cenas mais comoventes de **Fail Safe**, a saber, a do diálogo, ao telefone, entre o General Bogan (Frank Overton) e o Comandante em Chefe do Exército russo. São pormenores como este que desculpam todas as facilidades de abertura (e também da cena final com os "paralíticos"). Repare-se que Lumet introduz, sem quebrar nenhuma loiça, a maior das intimidades num momento e numa situação que supõe a mais completa frieza e antagonismo. Vejam que é bonito.

E pronto, - ou prontos, como por aí se diz - comecei a desancar e acabei no panegírico. Ou quase, porque não consigo ainda esquecer os "líquidos" de Sterling Hayden, a conversa de Peter Sellers com o mais eufórico Camarada Presidente que já se ouviu a um telefone, ou George C. Scott a... Tudo isso num certo filme de Kubrick...